



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ISAAC RAMALHO DA SILVA

**BULLYING NA ESCOLA: RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE ATIVIDADES
EDUCATIVAS DE PREVENÇÃO E CIDADANIA VIVENCIADAS NO ESTÁGIO
SUPERVISIONADO**

NATAL
2017

ISAAC RAMALHO DA SILVA

**BULLYING NA ESCOLA: RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE ATIVIDADES
EDUCATIVAS DE PREVENÇÃO E CIDADANIA VIVENCIADAS NO ESTÁGIO
SUPERVISIONADO**

Relato das vivências no estágio supervisionado sobre o bullying apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia, na modalidade à distância, do Centro de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, sob a orientação do professor Dr. Alex Sandro Coitinho Sant'Ana.

NATAL-RN

2017

**BULLYING NA ESCOLA: RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE ATIVIDADES
EDUCATIVAS DE PREVENÇÃO E CIDADANIA VIVENCIADAS NO ESTÁGIO
SUPERVISIONADO**

ISAAC RAMALHO DA SILVA

Artigo Científico apresentado ao Curso de Pedagogia, na modalidade à distância, do Centro de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alex Sandro Coitinho Sant'Ana.
Afiliações

Prof^a. Me. Antônia Costa Andrade
Afiliações

Prof^a. Me. Rúbia Kátia Azevedo Montenegro
Afiliações

RESUMO

O presente trabalho refere-se a um relato de experiência vivenciado a partir das práticas realizadas no Estágio Supervisionado III no Ensino Fundamental, executado na Escola Estadual Monsenhor Raimundo Gurgel, apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, Campus de Caraúbas-RN na modalidade EAD. O Estágio foi realizado em dois momentos, caracterizados pelos estudos teóricos do referido tema, nas observações da prática pedagógica e na regência em sala de aula. O mesmo foi desenvolvido utilizando como fonte de pesquisa os registros de todas as atividades realizadas e as anotações feitas diariamente nas observações, que foram elaboradas através das experiências vivenciadas, sempre articulando a teoria e a prática. O estudo conclui que o estágio é uma atividade que proporciona experiências profissionais e aprendizagens indispensáveis para a formação de um educador, contribuindo para a prática pedagógica e formação inicial do discente-estagiário.

Palavras chaves: Estágio. Ensino Fundamental. Docência.

ABSTRACT

The present work refers to an experience report from the practices carried out in the Supervised Internship III in Elementary School, held at the Monsenhor Raimundo Gurgel State School, presented to the Pedagogy Course of the Federal University of Rio Grande do Norte - UFRN, Campus of Caraúbas -RN in the EAD mode. The internship was accomplished in two moments, characterized by the theoretical studies of this theme, in the observations of the pedagogical practice and in the regency in the classroom. The same was developed using as a research source the records of all the activities carried out and the notes made daily in the observations, which were elaborated through the lived experiences, always articulating theory and practice. The study concludes that the internship is an activity that provides professional experiences and indispensable learning for the construction of an educator, contributing to the pedagogical practice and initial training of the trainee.

Keywords: Stage. Elementary School. Teaching.

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO	6
2 - A MODERNIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA	7
3 - EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO	9
4 - RESULTADOS E DISCUSSÕES SOBRE O PROJETO DE INTERVENÇÃO	12
5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	18
REFERÊNCIAS	19

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como tema Bullying prevenção e cidadania: experiências e vivências no estágio supervisionado III. O Bullying é um tema bastante intrigante e atual, o que tem levado a realização de vários debates nos últimos anos, tentando descobrir o que tem motivado essas práticas de agressões nas escolas e em ambientes onde é praticado. Isso tem levado várias instituições de ensino, pedagogos e psicólogos a atentarem para este fenômeno cada vez mais comum que pode desencadear em problemas futuros se não for combatido de forma preventiva.

Segundo Fante (2005, p. 29) o bullying pode ser responsável por vários resultados negativos no processo de aprendizagem e no relacionamento interpessoal entre alunos e no próprio desenvolvimento psíquico, devido as suas características, dentre elas: maltratar, causar sofrimento, desestruturar o emocional e acabar com a motivação da criança em relação à vida escolar. Diante de tais questões, esse relato tem como objetivo discutir as manifestações do fenômeno bullying no cotidiano escolar de acordo com a vivência do estágio supervisionado III.

Este fenômeno tem ganhado cada vez mais força com as novas tecnologias, com o que os especialistas chamam de cyber bullying ou bullying digital que é realizado através da internet. Ainda de acordo com Fante (2005, p. 28) o bullying é um subconjunto de comportamentos agressivos que envolvem intimidações, insultos, assédios, exclusões e discriminações de todo gênero. Para a autora, são atitudes caracterizadas pela repetição e, pelo desequilíbrio de poder e pela violência que geralmente acontece sem motivo aparente, cuja finalidade é de maltratar, intimidar, provocar dor, angústia e sofrimento. Temos como principal objetivo neste relato reflexivo da prática docente articular os conhecimentos teóricos em sua prática. Pude aprender e adquirir bastante conhecimento nos estágios realizados, pois tratei desta mesma temática no estágio II na educação infantil.

Pude perceber que é na prática do dia-dia com os alunos em sala que podemos vivenciar a teoria vista em sala como discente, comprovando assim que a teoria não é o suficiente para preparar o discente para essa atuação com os docentes. Foi na busca de contribuir para a redução da violência no ambiente escolar da Escola Estadual Monsenhor Raimundo Gurgel, localizada na Rua Naem Menescau, S/Nº no bairro Lagoa do Mato na cidade de Mossoró, que elaboramos este relato com a ajuda da gestão escolar, professores, pais e alunos.

Nosso interesse por essa temática se deu justamente em virtude das muitas experiências vivenciadas nas atividades do estágio, do meu dia-dia como policial militar e do quanto é importante o trabalho de prevenção e conscientização no ensino fundamental.

2. A MODERNIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA

Com o avanço da violência urbana e o fácil acesso as mídias sociais, tem surgido mais esse problema nas escolas brasileiras, que está diretamente relacionado com a indisciplina nas salas de aula.

Para nomear este fenômeno, foi criado um termo em inglês que deriva do verbo “Bully” que significa brigão ou valentão, o que acabou derivando na palavra “bullying”. O “bullying é definido como o comportamento agressivo, repetitivo e sem motivações. Esse termo em inglês “bullying” tem causado certas divergências de opiniões entre os especialistas nesse assunto, pois não existe uma tradução correta para esta palavra, o que se tem são vários adjetivos dela que abrange várias atitudes como: zoar, intimidar, humilhar, ofender, roubar, aterrorizar, colocar apelidos, discriminar, isolar, ferir, tyrannizar entre outras. Precisamos ficar atento que nem toda agressão é bullying, pois é diferente das agressões que costumam ocorrer entre iguais, que são provocadas por motivos eventuais, essas brigas acontecem por motivos afins e logo acabam, já o bullying, ao contrário, é contínuo, suas ações são repetitivas, persistem acontecer diariamente, não precisa de motivos para acontecer. A

vítima, ao se preparar para ir à escola, já fica triste e deprimida, pois sabe o que a aguarda, assim sendo o desejo dessa vítima é de desaparecer daquele lugar, pois a escola tornou sinal de sofrimento para ela e não de aprendizagem e interação com os demais amigos e colegas.

Por se tratar de um fenômeno que age nas emoções da pessoa, isso acaba crescendo e gerando o ódio pelos seus agressores, crescendo assim o desejo de vingança, que um dia poderá externar esses desejos caso essa vítima não seja acolhida ou tratada adequadamente. Prova disso foi a tragédia ocorrida na manhã do dia 07 de Abril de 2011, na cidade de Realengo-RJ, onde um garoto que sofria bullying por parte dos seus colegas de escola, surtou e invadiu a escola, chegando a executar 12 adolescentes, sendo a maioria das vítimas mulheres, pois, segundo relatos eram as meninas que mais praticavam bullying com Wellington Menezes quando o mesmo estudava lá.

Recentemente em Goiânia na Escola Goyases, outro aluno menor de idade que também sofria bullying por parte dos colegas, levou uma arma que pertencia a sua mãe que era Policial Militar na sua mochila para escola, e lá chegando descarregou todo o seu ódio contra aqueles que o ridicularizavam na escola. Essa tragédia que ocorreu neste mês de outubro do corrente ano chocou toda a sociedade brasileira, onde nesta ação foram mortos dois alunos e alguns saíram feridos. Fatos como estes podem ser evitados se todos se conscientizarem que a harmonia e o respeito são extremamente importantes para o convívio sem violência. É o que explica a presidente da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (Abrapee), Marilene Proença, professora do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP), “a violência física ou psicológica, intencional e repetitiva, é capaz de fragilizar um jovem a ponto de levá-lo a extremos contra si próprio ou contra terceiros”. “Importante é não culpabilizarmos a criança, a família ou uma escola em particular, mas sim analisarmos o quanto estamos produzindo, socialmente, situações como esta”, defendeu a psicóloga. “O bullying evidencia, através das crianças, todos os preconceitos existentes em nossa sociedade, como a intolerância às diferenças sociais, sexuais, regionais. Em última análise, é um reflexo dos valores difundidos por amplos setores da sociedade. São valores que acabam sendo interpretados pelas crianças, que os expressam com outras crianças, em ambientes como o escolar”, acrescentou Marilene.

Para a psicóloga, pais, pedagogos, comunicadores e outros profissionais devem estimular uma cultura de paz, na qual se valorize a tolerância e o respeito às diferenças, se quiserem contribuir para que episódios como esses não se repitam. “Nossa sociedade está tão intolerante que a violência passa a ser uma atitude para expressar a falta de diálogo e de acolhimento”, completou Marilene.

É preciso a escola estar sempre em alerta para combater fatos lamentáveis como esses. A comunidade escolar, professores, famílias, precisam ter ferramentas que facilitem a identificação desses comportamentos violentos e suas relações entre os alunos e agregando profissionais da educação que serão mediadores dando todo o auxílio necessário com ações que possam minimizar essas agressões.

3. EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Nossa proposta de trabalho para o estágio supervisionado III foi de tentar desenvolver um projeto em sintonia com os projetos já desenvolvidos na escola. Para tanto fizemos um trabalho totalmente integrado com a equipe pedagógica da escola e a professora da turma. Essa integração e planejamento nos ajudaram muito no desenvolvimento do trabalho, pois é no fazer pedagógico desse momento de estágio que refletimos e analisamos nossa prática futura. Pois de acordo com Pimenta e Lima (2004) [...]

O estágio passa a ser um retrato vivo da prática docente e o professor-aluno terá muito a dizer, a ensinar, a expressar sua realidade e a de seus colegas de profissão, de seus alunos, que nesse mesmo tempo histórico vivenciam os mesmos desafios e as mesmas crises na escola na sociedade(PIMENTA; LIMA, 2004, p. 127).

Foi debatendo sobre o dia-dia da escola, ouvindo os gestores e professores que chegamos ao objetivo desse nosso trabalho. Sabendo que o estágio é o pontapé inicial de um pedagogo e precisamos ter consciência da importância da nossa função na formação como formadores do ser humano.

No estágio o que mais me marcou foi a organização e o empenho de cada profissional da Escola Estadual Monsenhor Raimundo Gurgel, bem como a responsabilidade com que desempenha seu papel social na comunidade. A escola está sempre buscando a proximidade com a comunidade local para tentar minimizar os problemas que vem de fora para dentro do ambiente escolar.

Procuramos na prática com que os alunos tivessem uma participação total e efetiva de todas as atividades que desenvolvemos, compreendendo que dessa forma o aprendizado seria mais valorizado e mais dinâmico. O planejamento junto da coordenação, professoras e gestores foi de suma importância, pois a partir deles pudemos desenvolver nossa proposta, alinhado com as propostas de trabalho já desenvolvido na escola. Cléo Fante, uma das autoras já citada acima, e uma das mais destacadas sobre esse tema no país, enfatiza como é importante à conscientização de todos os sujeitos que estão inseridos na instituição escolar sobre o bullying para que assim possam ser desenvolvidas estratégias de intervenção e prevenção.

Para que se possam desenvolver estratégias de intervenção e prevenção ao bullying em uma determinada escola, é necessário que a comunidade escolar esteja consciente da existência do fenômeno e, sobretudo, das consequências advindas desse tipo de comportamento (FANTE, 2005, p. 91).

A equipe pedagógica precisa saber como abordar de forma incisiva os alunos sem radicalismo ou opressão. Sabendo acerca dos atos de violência dentro das escolas e com o conhecimento adequado para essa abordagem fica mais fácil sanar esse problema. Essa mesma autora vai dizer da importância duma preparação mais aprofundada desse tema por parte da equipe pedagógica frente a essa problemática do bullying para que assim possam agir da forma mais adequada possível. Conforme Fante (2005, p. 169):

Os cursos de graduação devem focar sua atenção na necessidade de prevenção à violência. Para isso, devem oferecer aos futuros profissionais de educação os recursos psicopedagógicos específicos que os habilitem a uma atuação eficaz em seus locais de trabalho para que eles utilizem metodologias estimuladoras do diálogo como forma de resolução de conflitos; que promovam a solidariedade e a cooperação entre os alunos, criando com isso um ambiente emocional que incentive a aceitação e o respeito às diferenças

inerentes a cada indivíduo; que promovam a tolerância nas relações interpessoais e socioeducacionais.

Além dos autores, os expectadores e as suas vítimas também precisam ser identificados. As vítimas são na maioria das vezes minoria e se caracterizam pela falta de sua autodefesa.

Os professores que tem o contato direto com esses alunos, infelizmente se apresentam em sua maioria despreparados para detectar e intervir de forma coerente este fenômeno, como afirma Fante (2005, p. 68).

O despreparo dos professores ocorre porque, tradicionalmente, nos cursos de formação acadêmica e nos cursos de capacitação, são treinados com técnicas que unicamente os habilitam para o ensino de suas disciplinas, não sendo valorizada e necessidade de lidarem com o afeto e muito menos com os conflitos e com os sentimentos dos alunos.

Foi pensando nisso que no período de observação procurei absorver tudo que a experiente professora Socorro Medeiros repassava, pois a mesma com seus 27 anos de sala de aula tem muita experiência em sua formação. Sempre rígida com o aprendizado e a disciplina dos alunos. Ela sempre se preocupava com o que os alunos faziam não só dentro de sala, mas no espaço escolar e também fora da escola.

Os primeiros dias do estágio foram na semana de revisão para as provas, então como estava previamente ciente de todo o conteúdo e metodologia que estava sendo desenvolvido pela professora, demos início as revisões sempre com o apoio da professora titular da turma. Apesar de dominar bem o conteúdo, fiquei muito ansioso e apreensivo se cumpriria todos os objetivos do planejamento e o gerenciamento do tempo, o que pra minha surpresa deu tudo muito certo.

A cada dia íamos deixando o nervosismo e as dificuldades iam sendo vencidas pela força de vontade e a dedicação em dar o melhor em prol do sucesso do estágio. Tivemos muitas dificuldades, pois na turma ainda tinham cinco alunos que não eram totalmente alfabetizados, e a esses demos uma maior atenção para que pudessem acompanhar os demais, incentivando nos momentos de leituras individuais e coletivas. Outra dificuldade foi uma aluna surda que tínhamos, e a professora sabia pouco de LIBRAS (Língua Brasileira

de Sinais), o que me motivou a exercitar os cursos de LIBRAS que já tenho no meu currículo e a disciplina de LIBRAS que estamos pagando agora no 8º período, mas, como estava sem praticar a alguns anos tivemos que muitas das vezes pedir o auxílio de uma professora da escola que é intérprete e trabalha com os surdos. A turma também tem um aluno cadeirante que não tinha muitas oportunidades de brincar e participar das atividades, então logo no início das atividades diretamente voltadas para o nosso projeto, trabalhamos bastante essa questão da inclusão e do preconceito, mostrando que todos são importantes mediante suas dificuldades e necessidades.

A primeira semana segui com as revisões e o desafio era cada vez maior em fazer com que os alunos compreendessem tudo aquilo que estava passando para eles e que com isso todos se dessem bem nas provas que estavam por vir, tentando explorar a participação deles nos conhecimentos já adquiridos com a professora Socorro, sempre os colocando como protagonistas dessa construção de saber.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES SOBRE O PROJETO DE INTERVENÇÃO

Iniciamos nosso projeto e após discorrer sobre o tema relacionado e tirar algumas dúvidas que existiam na turma, todos fomos a sala de vídeo assistir o filme “Bullying Virtual” onde a partir desse filme abrimos a discussão sobre o tema, na qual tivemos a participação ativa dos alunos, bem como a interação entre os pares, permitindo a integração e socialização deles.

Assistimos também a um vídeo sobre o aumento da violência sistemática nas escolas e abrimos uma roda de conversa onde pudemos ouvir cada um com suas experiências e vivências do seu dia-dia na escola e podemos perceber o quão alarmante eram os casos de bullying dentro da escola, onde até a professora ficou um pouco surpreendida com o testemunho de alguns alunos. As situações envolviam desde um simples apelido pejorativo à agressões físicas, verbais e exclusão de alguns colegas das brincadeiras. Nessa interação entre os pares, permitindo a integração e socialização dos

conhecimentos adquiridos sobre o que de fato é o bullying em sua essência, a melhor forma de combater e de como ajudar o colega que está sendo vítima e que podemos perceber na fala deles que é tão importante o respeito mútuo e harmonia para assim estarmos fazendo nossa parte para um futuro menos violento e com mais paz. As fotos abaixo ilustram o momento do desenvolvimento da atividade.



Figura 1 - Sala de vídeo da escola – Filme Bullying Virtual.
Fonte: RAMALHO (2017)

O filme *Bullying Virtual* que assistimos e debatemos, conta a história de uma garota chamada Taylor, uma estudante comum, que mora com a mãe e seu irmão mais novo, e o seu pai os abandonou. Taylor ganha um computador e logo cria uma rede social onde todos da sua escola possuem. O caso de bullying começa quando o seu irmão entra na sua conta da rede social e posta sem a autorização de Taylor várias coisas ruins dela, como xingamentos. Logo os estudantes da sua escola veem e começam a rir dela. Assim, suas amigas se separam com vergonha, então Taylor pensa até em se suicidar por causa disso ingerindo remédios. Sua mãe vendo a situação de sua filha resolve colocar esse caso de bullying até as autoridades.

Então aproveitamos para debater sobre o filme, mostrando que esse problema é bastante antigo nas escolas americanas. No caso do Brasil globalizado e atualizado não é diferente, o que foi testemunhado por vários alunos já terem praticado bullying virtual. Mostramos que o bullying vai muito

além de meras brincadeiras repetitivas, e que toda tortura física e psicológica que alguém possa passar nas mãos de seus colegas e até mesmo de professores pode gerar traumas irreversíveis. Diante dos fatos expostos no filme e no debate, colocamos que diante do bullying ou denunciemos ou nos omitimos. Deixamos todos conscientes da nossa responsabilidade em diminuir a incidência do bullying na escola, que a denuncia e o respeito podem sim mudar o atual quadro da nossa escola.

Percebemos que esse fenômeno tem vários fatores que o fazem desencadear nesse tão grave problema e suas causas são as mais diversas, o que tem feito com que cada vez mais especialistas encare o bullying com seriedade devido os seus efeitos devastadores em suas vítimas. As famílias precisam atentar para as mudanças bruscas no comportamento dos seus filhos. A família é o alicerce do desenvolvimento da vida da criança.

A família não é o único canal pelo qual se pode tratar a questão da socialização, mas é, sem dúvida, um âmbito privilegiado, uma vez que este tende a ser o primeiro grupo responsável pela tarefa socializadora. A família constitui uma das mediações entre o homem e a sociedade. Sob este prisma, a família não só interioriza aspectos ideológicos dominantes na sociedade, como projeta, ainda, em outros grupos os modelos de relação criados e recriados dentro do próprio grupo. (CARVALHO, 2006, p. 90).

A formação dos valores éticos e do desenvolvimento da moralidade dos educandos, são muitas das vezes apontada pela família como sendo responsabilidade somente da escola. De igual modo a escola precisa trabalhar essa temática desde as primeiras séries da educação infantil, pois, a escola tem um papel fundamental neste contexto, e precisa trabalhar desde cedo à afetividade das crianças, pois a afetividade vai envolver o ser humano durante toda a sua vida. Segundo Gadotti (1999) a afetividade são “fenômenos que se caracterizam pelos sentimentos, emoções e paixões, acompanhados sempre de prazer ou desprazer”. As crianças precisam aprender que a vida deve ser vivida sempre de momentos harmoniosos e prazerosos.

Na continuidade do projeto trabalhamos diversos aspectos e atividades sobre a violência sistemática que é o bullying em si. Assistimos outros vídeos e

discutimos sobre alguns fatores que podem contribuir para o aumento dessa violência e passamos algumas atividades para casa que contemplavam a temática envolvendo a família. Sabendo que a escola fazendo o seu papel e a família assumindo suas responsabilidades na educação dos seus filhos, isso facilitará muito o processo de desenvolvimento dessa criança. Partindo desse pressuposto busquei o envolvimento da família por concordar com as palavras de Momo e Paiva (2016, p. 25), quando dizem que:

É papel do(a) professor(a) estabelecer uma rede de interações alargadas, a partir do microssistema da sua sala de aula, com sujeitos que possam contribuir com o processo educativo dos seus alunos. Entre esses sujeitos estão os membros da própria família da criança [...]

Pensando neste avanço da violência nas escolas foi que o Governo Federal, na gestão da ex-presidenta Dilma Rousseff sancionou a lei nº 13.185/2015: Lei do Bullying. Esta veio impor as instituições de ensino, públicas e privadas, clubes e agremiações recreativas o dever de adotar programas de combate ao bullying. Esta lei considera intimidação sistemática todo ato de violência física ou psicológica, sendo ela intencional e repetitiva, que ocorre sem motivação evidente, quando praticado por um indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidar ou agredir a vítima, causando assim dor e angústia, pois existe um desequilíbrio de poder entre o(s) agressor(es) e sua(s) vítima(s).

Os mais variados insultos, os apelidos pejorativos, expressões de preconceitos, ameaças, exclusão, isolamento social premeditado com o objetivo de humilhar ou discriminar são consideradas formas de bullying. Além das agressões feitas presenciais, existe a forma silenciosa e onipresente do bullying chamado “cyberbullying ou bullying digital”, quando são realizadas através das redes sociais ou a internet para depreciar, ameaçar, humilhar, alterar fotos e vídeos usando a imagem de outrem com o objetivo de constranger a vítima psicossocialmente. Esta nova lei veio para instituir uma política pública de combate ao bullying e os comportamentos violentos existentes entre as crianças e de adolescentes, o que, nem sempre se constituirá como atos infracionais, mas, o que será mais comum em sua

quase totalidade, serão apenas atos de indisciplina. Vejamos o que diz (RAMIDOFF, 2011):

Nem tudo pode ser entendido como violência, isto é, na agressividade que procure eliminar simbólica, imaginária e realmente o outro; enfim, nem toda agressividade, disputa e conflitualidade interpessoal se caracteriza como bullying! O ato de indisciplina certamente não deve ser confundido com o que se tem considerado como bullying; senão, muito menos como ato infracional – isto é, ação conflitante com a lei –, nas hipóteses em que for atribuído à criança, adolescente ou jovem. E, assim, conseqüentemente, todo e qualquer ato de indisciplina quando constatado no âmbito escolar, por certo, deve ser resolvido de acordo com as regras estabelecidas para o desenvolvimento das atividades educacionais, e, não, diversamente, pelas instâncias judicializadas (RAMIDOFF, 2011, p.1).

A lei Nº 13.185/2015 não descreveu o bullying como uma figura típica penal, mas, tão-somente, como uma nova modalidade de violência. Sendo assim, esta lei veio organizar e estruturar as instituições de ensino, para que essas combatam o bullying de forma mais direta, o que possibilitará com que a opinião da comunidade escolar seja mais intensa e assim possamos construir a cada dia uma cultura de não a violência, fundamentada no respeito a todos. Como desde o início nós propomos em fazer um projeto que envolvesse toda a comunidade escolar, no final do estágio realizamos o projeto de intervenção com a presença dos pais e responsáveis, como foi realizado no dia das mães, pois foi uma estratégia usada pela escola para reunir o maior número de pessoas possíveis, a presença masculina quase que não existiu.

Mostramos todo nosso projeto através de uma apresentação de slides e extraí ao máximo das mães sobre o que elas tinham visto com eles nas atividades que foram desenvolvidas em conjunto com seus filhos em casa. A palestra teve duração de uma hora e vinte minutos, onde debatemos sobre o bullying e as suas conseqüências, mostrando que a família, assim como o estado é responsável pela educação dos seus filhos. Finalizamos a palestra mostrando os riscos que essas crianças correm caso não tenham a devida atenção com eles nos dias atuais.

Nossa pretensão foi sensibilizar, pais e responsáveis sobre a importância da sua colaboração no processo educacional da criança. E que continuem participando desse processo na Escola Estadual Monsenhor Raimundo Gurgel.

O envolvimento dos pais na educação das crianças tem uma justificativa pedagógica e moral, bem como legal [...] Quando os pais iniciam uma parceria com a escola, o trabalho com as crianças pode ir além da sala de aula, e as aprendizagens na escola e em casa possam se complementares mutuamente” (SPODEK; SARACHO, 1998, p. 167).

As famílias contam com a ajuda da escola para desenvolver a educação das crianças, transformando-as em cidadãos de bem. O artigo 19, da Lei N^o 8.069/90 Dos Direitos Fundamentais, diz que:

Toda criança ou adolescente tem direito a ser criado e educado no seio de sua família e excepcionalmente, em família substituta, assegurada a convivência familiar e comunitária, em ambiente livre da presença de pessoas dependentes de substâncias entorpecentes” (ECA art. 19, da Lei 8.069/90 Dos Direitos Fundamentais).

Para abordar esse tema durante a palestra com as famílias ali representadas, tivemos a participação do Dr. Arnon Dutra, o mesmo é bacharel em direito e conselheiro tutelar da 33^a vara eleitoral da cidade de Mossoró.

O palestrante enfatizou que as famílias vêm sendo apontada como parte fundamental para o sucesso ou fracasso escolar, quando ela juntamente com a escola e o Estado são responsável pela educação de crianças e adolescentes, conforme preconiza a Lei de Diretrizes e Bases da Educação N^o 9394/96, em seu artigo primeiro.



Figura 2: Projeto de intervenção com as famílias
Fonte: RAMALHO (2017)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluindo esses relatos das vivências no estágio supervisionado III no ensino fundamental, podemos compreender que a violência é um fenômeno que tem acompanhado as nossas crianças, adolescentes e todos aqueles que convivem direta e indiretamente com eles: a família, comunidade escolar e colegas da sua vizinhança. E esta violência não estar somente no espaço real, mas com o avanço da tecnologia, ela tornou-se também virtual, que é o caso do cyberbullying. É notório que a violência em nossos dias vem crescendo, e a causa envolve muitos fatores, o que nos mostra a necessidade urgente de um trabalho de prevenção entre os maiores envolvidos neste processo que são as famílias e a escola.

O desenvolvimento deste trabalho nos permite refletir o quanto é importante mostrar para os nossos discentes que o diálogo acerca desse tema sendo debatido com o conhecimento prévio do assunto, refletindo com eles sobre as suas responsabilidades e que o respeito pode fazer com que atos de violência sistemática possam deixar de existir.

O que propomos aqui não é algo finalizado e esgotado, mas um relato que poderá servir de reflexão para toda a comunidade escolar e as famílias que não estamos imunes a essa violência. Para isso é necessário pensar em projetos e provocar debates com toda a comunidade escolar, com discussões democráticas nas escolas, que envolvam alunos, a comunidade escolar e as famílias, isso será um grande avanço para que as instituições educacionais possam de fato encarar e resolver os problemas de violência em seus ambientes.

É preciso que haja políticas públicas nas escolas para se antecipar ao bullying, envolvendo a família, sociedade, autoridades e toda a comunidade escolar desenvolvendo ações de cunho preventivo visando inibir essas ações desde educação infantil.

A Intensificação de ações preventivas nas escolas seria uma excelente ferramenta para a minimização destes atos de violência dentro dos ambientes escolares, e para isso é necessário que todos os integrantes da instituição se mobilizem e abracem a causa. Deve-se haver uma formação continuada dos profissionais da educação, o Ministério público acompanhado do conselho tutelar deve aproximar-se dessas ações, unindo forças com toda a comunidade escolar.

REFERÊNCIAS

FANTE, C. **Fenômeno bullying**: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Campinas: Ed. Artmed, 2005.

FANTE, Cléo. **BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR**. Disponível em: <<http://inov.org.br/site/artigos/9.pdf>>. Acesso em 26/04/2016.

GADOTTI, M. **Convite a leitura de Paulo Freire**. São Paulo: Scipine, 1999.

LOPES, Neto A. A, Bullying-comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal Pediatria*. Rio de Janeiro, 2005.

LIMA, Maria Socorro Lucena; PIMENTA, Selma Garrido. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2004

MOMO, Mariangela; PAIVA, Maria Cristina Leandro de. **Estágio supervisionado na educação infantil II**. Natal/RN: Edufrn, 2016.

SPODEK, Bernard; SARACHO, Olívia N. **Ensinando crianças de 3 a 8 anos**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

REICHER, Stella; DORLASS, Mayara. O papel das escolas contra o bullying: educar agora é lei. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/empreendedorsocial/colunas/2016/05/1766924-o-papel-das-escolas-contr-o-bullying-educar-agora-e-lei.shtml>>. Acesso em: 04/10/2017.

RAMIDOFF, Mário Luiz. Bullying: responsabilidade de todos!. Disponível em: <<http://marioluizramidoff.jusbrasil.com.br/artigos/121934689/bullyingresponsabilidade-de-todos>> 23/09/2011. Acesso em: 04/10/2017.

Bullying Virtual. Disponível em : <<https://www.youtube.com/watch?v=tkDvyfSeziE>>. Acesso em: 11/05/2017.

BRASIL. Decreto nº 13.185, de 6 de nov. de 2015. Programa de Combate à Intimidação Sistemática (**Bullying**) Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2015/lei/l13185.htm>. Acesso em 06/10/2017.

BRASIL. Decreto nº 8069, de 13 de jul. de 1990. Estatuto da criança e do adolescente. Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10618045/artigo-19-da-lei-n-8069-de-13-de-julho-de-1990>>. Acesso em 06/10/2017.

CARDOSO, Armando. Especialistas defendem tolerância e respeito às diferenças contra o bullying. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-10/especialistas-defendem-tolerancia-e-respeito-diferencas-contr-o-bullying>>. Acesso em 23/09/2017.